

# GEOTURISMO E O MOVIMENTO SLOW EM PORTUGAL

*Victor Lamberto<sup>1</sup>; Paulo Sá Caetano<sup>2</sup>*

<sup>1</sup> Slow Food Alentejo, CERENA/Instituto Superior Técnico da UTL, Portugal; <sup>2</sup> CICEGE/Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNL, Portugal

**RESUMO:** O Geoturismo tem sido definido pela comunidade geológica internacional como um tipo de turismo de natureza que se concentra especificamente na geodiversidade da região visitada como factor de atractividade turística. Associado ao propósito turístico, associa-se também a preocupação com a conservação do património geológico e com a promoção da aprendizagem e compreensão das Ciências da Terra através de uma adequada interpretação, comunicação e divulgação.

Alguma confusão que tem surgido acerca do significado do termo “geoturismo” resulta de outra definição, que confere carácter não exclusivamente geológico mas sim um pouco mais abrangente e que se encontra largamente difundida por ter origem na revista “National Geographic Traveler”: “turismo que sustenta o carácter geográfico de um lugar, tal como a sua cultura, ambiente, património e bem-estar dos seus residentes”. O significado não exclusivamente geológico de um território geoturístico é também aquele que está inerente aos objectivos e propósitos dos geoparques da UNESCO.

Em Portugal, ao longo dos últimos 15 anos, as actividades geoturísticas têm vindo a crescer exponencialmente. Contribuiu largamente para este aumento o programa de divulgação da ciência intitulado Ciência Viva, em particular através das acções Geologia no Verão. No entanto, na sua grande maioria, com excepção das actividades desenvolvidas nos recentemente criados Geoparques Naturtejo (em 2006) e Arouca (em 2009), estas actividades têm sido centradas na visita a locais com especial interesse geológico com o principal propósito de promover a ciência e os geossítios; para todos os efeitos, trata-se de turismo geológico.

O projecto “Slow Itineraries”, que o movimento Slow Food tem vindo a desenvolver em Portugal, promove a integração e o usufruto de paisagens, saberes e sabores de cada região, de uma forma lenta, respeitadora e valorizadora das comunidades locais e do território envolvidos, tendo sempre presente conceitos queridos ao movimento Slow, como a lentidão, o convívio, os produtos locais e sazonais, os alimentos bons, limpos e justos. Neste contexto e tendo como ponto de partida a geodiversidade da região visitada, foi criado um conjunto de itinerários com a designação de “circuitos geoturísticos *slow*”, que pretendem valorizar o território onde se inserem, e onde o enquadramento e o património geológico surgem como ferramentas essenciais para a leitura da paisagem e como factor indutor de desenvolvimento e promoção turística, integrando outras áreas do saber e permitindo o usufruto do território de uma forma sustentável, mais aprofundada e, acima de tudo, lenta. Desta forma, o carácter já de si inovador do geoturismo é, no caso dos percursos geoturísticos criados, reforçado pela integração de outros saberes e da filosofia Slow. Os princípios inerentes a estas actividades geoturísticas aproximam-se, assim, do conceito de geoturismo mais como uma “abordagem” ao turismo do que como um “tipo” de turismo, à semelhança do entendimento inerente aos geoparques, apesar de não incluídos num território com essa classificação. Como “uma vida rápida é uma vida superficial”, promove-se, desta forma, a compreensão e o usufruto da lentidão, que, afinal de contas, está sempre presente, por exemplo, na escala geológica do tempo e em muitos dos processos geológicos conhecidos.

**PALAVRAS CHAVE:** GEOTURISMO, MOVIMENTO SLOW, PORTUGAL